



As escolhas lexicais dos conjuntos de vestuários nas obras *O conto da aia* e *Os testamentos*, de Margaret Atwood

Paul Castorino¹

RESUMO:

Objetivamos, neste estudo, investigar as escolhas lexicais e os efeitos de sentidos causados por elas nos nomes dos vestuários das principais castas citadas nos livros *O conto da aia* e *Os testamentos*, de Atwood (2006; 2019). Para isso, lançamos mão de uma metodologia quanti-qualitativa que consistiu na seleção dos contextos de aparição das vestimentas citadas nos romances; no cotejo das lexias em dicionários gerais e especializados; e, na discussão dos resultados à luz de Cardoso (2013; 2018), Heller (2013) e outros. Tais dados registram que as seleções lexicais relacionadas às vestimentas classificam os personagens em classe sociais e emitem efeitos de sentido que dialogam com acontecimentos da humanidade e acontecimentos bíblicos.

PALAVRA-CHAVE:

Escolha lexical;
Efeitos de sentido;
Vestuário;
O conto da aia;
Os testamentos.

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), na linha de pesquisa *Léxico do português*.

1 Introdução

De modo genérico, o léxico é contemplado, por determinados estudiosos, como “o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade” (DUBOIS 1988, p. 364). Para outros especialistas, a exemplo de Biderman (2001) e Sapir (1969), além de ser o inventário linguístico de uma comunidade, o léxico tem como função testemunhar e, ao mesmo tempo, abarcar toda a experiência sociocultural do ambiente que o usa.

Em decorrência desta característica social do léxico, há autores, como Lara (2006, p. 213, tradução nossa), que asseveram que as unidades lexicais “se tornam facilmente símbolos sociais; isto é, transcendem sua natureza de sinais linguísticos e se tornam representantes de concepções, valores e tabus sociais, aos quais se atribui tudo, desde propriedades mágicas até funções morais ou ideológicas”. Salientamos tal questão porque consideramos que quando o léxico se coaduna ao discurso literário, acaba constituindo textos únicos, uma vez que a escrita literária “ultrapassa a simples informação referencial, afasta-se dos discursos cotidianos, busca a atemporalidade e a universalidade, valoriza o ficcional sobre o real” (CARDOSO, 2018, p. 16).

Neste viés, compreendemos que o léxico, além de etiquetar o mundo à nossa volta, cria realidades ficcionais, tornando-se, assim, uma fonte inesgotável de sentido. Van Dijk (2012) diz que é por intermédio dos itens lexicais que os falantes e os escritores expõem suas identidades, seus sentimentos, seus valores, suas opiniões e suas ideologias. Por esta razão, o presente trabalho tem como objetivo analisar as escolhas lexicais referentes aos vestuários das principais classes sociais mencionadas nas obras *O conto da Aia* e *Os testamentos*, de Margaret Atwood (2006; 2019). De modo específico, almejamos verificar como estas designações contribuem para a identidade dos protagonistas e, igualmente, como empregam diferentes efeitos de sentido nas narrativas.

Pautamo-nos em Oliveira (2007), para justificar nossa escolha de investigar o nome dos vestuários, posto que os itens da moda permitem que os sujeitos emitam significados a partir de suas roupas e acessórios. Além disso, as vestimentas possibilitam “combinações e cada uma delas permitirá um determinado texto, uma determinada frase que fala” sobre aquele(s) que o(s) usa(m), de acordo com Oliveira (2007, p. 15). Isto é, a escolha de uma indumentária pode ser ideológica, tendo em vista que os sujeitos exprimem suas identidades e se filiam a grupos por meio delas. Ademais, ressaltamos que as roupas são elementos importantes nas obras *O conto da aia* e *Os testamentos*, em razão delas demarcarem as castas mencionadas no livro.

¹ “[...] se convierten fácilmente en símbolos sociales; es decir, trascienden su naturaleza de signos lingüísticos y se convierten en representantes de concepciones, valores y tabúes sociales, a los que se les atribuyen desde propiedades mágicas hasta funciones morales o ideológicas” (LARA, 2006, p. 213).

Expomos a sinopse geral dos romances distópicos de Atwood (2006; 2019), a qual destaca que as histórias se passam

[...] num futuro muito próximo e tem como cenário uma república onde não existem mais jornais, revistas, livros nem filmes. As universidades foram extintas. Também já não há advogados, porque ninguém tem direito a defesa. Os cidadãos considerados criminosos são fuzilados e pendurados mortos no Muro, em praça pública, para servir de exemplo enquanto seus corpos apodrecem à vista de todos. Para merecer esse destino, não é preciso fazer muita coisa – basta, por exemplo, cantar qualquer canção que contenha palavras proibidas pelo regime, como ‘liberdade’. Nesse Estado teocrático e totalitário, as mulheres são as vítimas preferenciais, anuladas por uma opressão sem precedentes. O nome dessa república é Gilead, mas já foi Estados Unidos da América (ROCCO, 2021, site).

De modo geral, frisamos que *O conto da aia* foi lançado no ano de 1985, enquanto a sequência, *Os testamentos*, foi publicada trinta e quatro anos após o primeiro, em 2019. No Brasil, os livros foram comercializados pela editora Rocco e, neste trabalho, utilizamos as edições de 2006 e 2019, respectivamente. É importante ressaltarmos que o nome Gilead faz referência à *montanha de Gileade*, que aparece no texto sagrado (cf. Gênesis, capítulo 31, versículo 21), ao passo que as aias são mencionadas na bíblia quando Raquel oferece sua serva, Bila, para ter relações sexuais com o seu marido, Jacó, para que eles concebam uma criança para ela: “Eis aqui Bila, minha serva; coabita com ela, para que dê à luz, e traga filhos ao meu colo, por meio dela” (Gênesis, capítulo 31, versículo 3). Nas obras, as aias têm função semelhante à de Bila, dado que as esposas dos comandantes, homens mais importantes da República de Gilead, são consideradas inférteis.

Ao realizarmos este estudo, seguimos tal percurso metodológico: i) constatamos quais eram as castas mais frequentes nos romances via *AntConc*, de Anthony (2021); ii) selecionamos as situações de uso em que os itens dos vestuários dialogavam com os grupos eleitos; iii) apuramos as regularidades dos itens inventariados pela ferramenta *clusters/n-grams* do *AntConc*; iv) buscamos as definições das unidades lexicais na versão *online* do *Grande dicionário Houaiss*, de Houaiss (2021), e, no *Dicionário da Moda*, de Sabino (2007); e, no fim, e) debatemos os resultados obtidos baseados nos pressupostos teóricos de Cardoso (2013), Pretti (1977), Heller (2013) e outros. Antes de prosseguirmos, expomos a divisão de nosso texto, que, além desta seção, divide-se em: a) breves palavras acerca das escolhas lexicais e das escolhas dos vestuários, ressaltando sempre os pontos ideológicos destas seleções; e, b) segmento de análises. Posterior a esta parte, manifestamos nossas considerações finais a respeito da pesquisa empreendida, e, seguiremos com a apresentação dos textos teóricos, aqui, empregados.

2 As escolhas lexicais e as escolhas dos vestuários: breves apontamentos

O léxico se encontra à disposição do falante, ou seja, este pode escolher a unidade lexical que melhor representa ou exprime seus sentimentos e suas ideologias. Sendo assim, reconhecemos que “embora todas as palavras pertençam igualmente a esse enorme conjunto [lexical], as escolhas são limitadas pelas circunstâncias”, conforme disserta Cardoso (2018, p. 43). Em outros dizeres, a seleção lexical que o sujeito faz no discurso está relacionada com as suas intenções enunciativas. Dessa maneira, neste tópico, discorreremos, brevemente, sobre as escolhas lexicais e, também, sobre as escolhas dos vestuários e como ambas as predileções se contrastam com questões ideológicas sociais ou individuais.

Neste estudo, concebemos a escolha lexical com base nos pontos ressaltados por Gil (2005, p. 172, *grifos nossos*): “a) reflexo do ponto de vista do enunciador em relação ao mundo; b) avaliação do sujeito enunciador sobre o assunto do texto; c) seleção dependente da situação de interação; d) reflexo de valores partilhados por um grupo ou por uma cultura”. Isto significa que a seleção lexical diz respeito ao emprego de determinadas unidades, ao invés de outras, no discurso, sendo que tais possibilidades léxicas estão atreladas às circunstâncias sociais e às experiências sociais daquele que enuncia, como dissemos anteriormente.

Na verdade, os itens lexicais empregados no discurso, oral ou escrito, refletem não só as identidades dos sujeitos, mas igualmente espelham seus sentimentos, seus princípios e seus ideais. No tópico ressaltado por Cardoso (2013, p. 27): “as palavras selecionadas podem revelar valores ideológicos, retratar o conjunto da experiência humana acumulada, assim como práticas sociais e culturais”. Salientamos tais concepções porque é o léxico que matiza essas percepções do mundo ao nosso redor.

Borba (2003, p. 307) defende que qualquer texto pode ser ideológico, tendo em vista que “quem fala ou escreve pretende sempre colocar, mesmo que implicitamente, seu modo de ver e sentir o universo, seus pontos de vista e suas convicções, seu sistema de crenças etc.”. Em nossa perspectiva, essas visões de mundo são sentidas nas unidades lexicais, posto que elas “despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de ações, seja de qualidades de seres ou modos de ações” (MARTINS, 1997, p. 77). Por essa razão, Cardoso (2018) assegura que os itens lexicais têm a expressividade ligada às associações e aos efeitos de sentido que causam.

A moda é outro componente que consegue agregar diferentes pontos de vista e, conseqüentemente, adquire diversos significados por intermédio de suas vestimentas. Ponderamos isso porque “a forma, e com o quê nos vestimos, dialoga com nosso mundo, nossos valores, nossa tecnologia, nosso modo de entender e processar muito daquilo que

acreditamos” (OLIVEIRA, 2007, p. 15). Para essa autora, as indumentárias ressaltam as identidades dos sujeitos e, similarmente, evidenciam os costumes, os valores e a cultura de um grupo ou de um círculo social.

Assim, as roupas e os acessórios revestem e adornam o homem na sociedade e, ao mesmo tempo, codificam os sujeitos, ou seja, emitem efeitos de sentido relacionados à filiação dele a uma determinada classe social, seja socioeconômica, seja de castas ou tribos, entre outras. Dessa maneira, acreditamos que a escolha de uma vestimenta pode ser ideológica, pois a seleção de uma indumentária, de acordo com Castilho (2004, p. 78), “coloca o corpo diante de uma possibilidade de representação que se funda e se estrutura em diferentes objetos na busca de dotá-lo de uma significação capaz de codificar objetivamente funções, utilizações, além de normatizar uma série de relações”.

Portanto, em nossa perspectiva, o ato de se vestir e de se enfeitar demonstra as convicções sociais, políticas e pessoais do sujeito. Ao pontuarmos esse debate, destacamos as sociedades que seguem certas diretrizes, sobretudo no que diz respeito aos vestuários, a exemplo das mulheres muçulmanas que devem usar o *hijab* ou o *xador*, por uma questão de respeito e pudor, baseado no livro sagrado, o Alcorão, que rege os países islâmicos. Vale ressaltar que isso é respaldado em lei, posto que aquela que for avistada sem essas vestes pode ser sentenciada à prisão ou à multa (MÜLLER, 2018). Deste modo, o uso dessas vestimentas ratifica a imposição ideológica, social e religiosa estabelecida nesta região.

3 Os vestuários das castas nos romances de Atwood e seus significados

Destinamos esta seção às análises, entretanto, abordaremos, previamente, o método empregado na coleta de nossos resultados. A saber, apoiamo-nos na Linguística de *Corpus*, área dos estudos linguísticos, que tem como encargo coletar e explorar conjuntos de textos, chamados de *corpus* ou *corpora*, a depender da quantidade de documentos, por meio de programas computacionais (BERBER SARDINHA, 2000). Para este estudo, lançamos mão do *software AntConc*, versão 3.5.8, de Anthony (2021), pois ele “dispõe de um conjunto de ferramentas para análise de *corpus*”, além de que pode ser manuseado gratuitamente, de acordo com Aleixo (2020, p. 47, *grifo da autora*).

Após colocarmos os livros no sistema do programa, o mesmo nos apresentou uma lista de unidades lexicais (*Word List*) de todos os itens citados nos textos literários, em conjunto com suas respectivas frequências. Então, nesse momento, realizamos uma leitura criteriosa da listagem, visando averiguar quais eram as castas que apareciam em maior quantidade. Fizemos isso não por intentarmos esgotar o tema aqui abordado, mas, sim, para delimitarmos nossos dados. Dessa maneira, trabalharemos apenas com as quatro

classes sociais mais regulares das obras, sendo elas: as *Tias* (848)², os *Comandantes* (282), as *Esposas* (163) e as *Aias* (148).

Posteriormente, separamos as situações de uso em que estas castas apareciam, especialmente aquelas que mencionam os vestuários e os acessórios utilizados pelos grupos. Ao fazermos isso, fundamentamo-nos em Oranges (2017, p. 216), para quem “o entendimento do sentido das palavras deverá se dar apenas pelo significado que elas possuem no contexto da obra, pois é nesse contexto que elas emergem”, ou seja, só podemos analisar as escolhas lexicais e os efeitos de sentido delas em meio aos enredos de Atwood (2006; 2019). Conferimos, em sequência, a recorrência dos itens inventariados através da ferramenta *clusters/n-grams* do *AntConc*, que apresenta as combinações lexicais das unidades, em outros dizeres, os sintagmas.

Nossos resultados estão divididos em campos léxico-semânticos, pois entendemos que toda unidade léxica “está rodeada por uma rede de associações que a conectam a outros termos. Algumas destas associações são baseadas em conexões entre os sentidos, algumas são puramente formais, enquanto outras finalmente envolvem tanto a forma quanto o significado³”, segundo Ullmann (1972, p. 270, tradução nossa). Em outras palavras, os itens lexicais se encontram estruturados no sistema linguístico na forma de campos, os quais integram lexias que partilham uma relação semântica. Um exemplo disso é o presente estudo, que versa acerca dos vestuários, então, prevemos unidades como: *vestido*, *uniforme*, *chapéu*, dentre outras, que configuram o domínio da moda.

Os vestuários das *tias* e seus significados

Nas obras, as *tias* são tidas como mulheres autoritárias e, às vezes, violentas, uma vez que o ofício delas é supervisionar, treinar e doutrinar as *aias* no *Centro Vermelho*, sendo esse local uma espécie de escola preparatória. Lembramos que estamos dissertando sobre um regime totalitário, neste cenário, as mulheres perderam seus direitos e, conseqüentemente, não assumem cargos altos na República de Gilead. No entanto, notamos que as *tias* são casos à parte, por ocuparem uma posição mais elevada em comparação com outras pessoas do sexo feminino, sendo que essa visão fica explícita nos contextos a seguir:

Quadro 1 – Abonações referentes às vestimentas das *tias*

“Tia Sara e tia Elizabeth patrulhavam; tinham agulhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras de seus cintos de couro” (ATWOOD, 2006, p. 8, *grifos nossos*).

² A numeração entre parênteses é referente ao número de ocorrências nas obras.

³ “[...] está circundada por una red de asociaciones que la conectan con otros términos. Algunas de estas asociaciones se basan en conexiones entre los sentidos, otras son puramente formales, mientras que otras finalmente implican tanto la forma como el significado” (ULLMANN, 1972, p. 270).

“E a Tia Lydia – cujo retrato carrancudo-sorridente de moldura dourada com o *uniforme marrom* feioso estava pendurado em todas as nossas salas de aula – deve saber mais segredos do que todas, porque era a mais poderosa” (ATWOOD, 2019, p. 103-104, *grifos nossos*).

“– Becka! – falei. A última vez em que a [vi foi] na aula de arranjo floral da Tia Lise, sangue jorrando de seu pulso aberto. Na hora, seu rosto estava muito pálido, e resoluto, e desesperado. Agora ela parecia muito melhor. Usava um *vestido marrom*, com a parte de cima folgada, a cintura marcada; seu cabelo estava partido ao meio e puxado para trás (ATWOOD, 2019, p. 285, *grifos nossos*).

Fonte: Extraídos de Atwood (2006; 2019).

Marcamos em itálico as unidades lexicais que designam as vestimentas e os adornos das tias. Sendo assim, temos dois campos léxico-semânticos, um que chamamos de *vestuário das tias*, constituído pelas lexias *vestido marrom* (1)⁴ e *uniforme marrom* (3); e outro intitulado de *acessórios das tias*, composto pelo item *cinto de couro* (1). Começamos, então, nossos debates a partir das roupas da casta em questão, em particular, buscamos as definições destas indumentárias em um dicionário especializado, nele, verificamos que: i) o *uniforme* é conceituado como um “vestuário padronizado e distintivo usado por integrantes de uma determinada categoria, como militares [...]. As diferentes ordens religiosas também têm uniformes distintos [...]” (SABINO, 2007, p. 606); enquanto, ii) o *vestido* é caracterizado como uma “peça da indumentária feminina que, geralmente, cobre parte do tronco e quadris, com ou sem mangas, podendo ter diversos comprimentos” (SABINO, 2007, p. 618).

Percebemos que as vestimentas dessas mulheres são apenas funcionais, elas não devem ser chamativas, muito menos bonitas, isso é explicitado com o adjetivo *feioso*, no segundo excerto. Além do mais, os detalhes das roupas nos trazem a sensação de controle sobre o corpo feminino, dado que as expressões *parte de cima folgada* e *cintura marcada* indicam que os corpos delas não podem ficar expostos, por isso o uso de um vestido nada vistoso. Esse é um efeito de sentido que pode ser depreendido dessas escolhas lexicais, tendo em vista que ele nos retoma princípios bíblicos, que regem a República de Gilead, pois no livro sagrado é mencionado que as vestes femininas devem ser decentes e modestas: “Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso” (I Timóteo, capítulo 2, versículo 9).

Outra percepção é sentida na variação das roupas dessas mulheres, porque o vestido nos parece mais delicado e, simultaneamente inferior ao uniforme, que transmite a sensação de poder dentro do contexto das obras. Nesse caso, sentimos que há uma hierarquia dentro dessa casta, a tia poderosa usa um uniforme, por uma questão de respeito, o que fica perceptível mediante emprego do adjetivo *poderosa* no segundo

⁴ Frequência do sintagma nos livros.

excerto, que aponta Tia Lydia como a mais influente entre todas. O *vestido marrom* é atribuído a uma menina, Becka, que tentou tirar a própria vida, pois não queria ser vítima de um casamento arranjado. Assim, esta jovem decidiu ser uma aprendiz de tia, portanto, naquela circunstância ela estava em posição inferior aquelas outras mulheres.

Voltamos nossa atenção ao *cinto de couro*, compreendido, aqui, como o acessório confeccionado por diversos materiais e que possui função utilitária de segurar as calças ou marcar o vestido na cintura, consoante *Dicionário da Moda*. O autor dessa obra complementa que durante a história da indumentária existiram grupos de pessoas que utilizavam a peça “para prender cartucheiras e para carregar armas” (SABINO, 2007, p. 177). Tal aspecto é observado no *Conto da aia* quando é mencionado que as tias penduravam os *agulhões elétricos* nas tiras dos cintos, o que ressalta nossa hipótese de que as vestes desta casta são apenas utilitaristas.

No que tange à coloração *marrom*, Heller (2013) indica que ela é atribuída aos uniformes do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, em outros dizeres, o Partido Nazista. Para desenvolvermos esse ponto, fundamentamo-nos em Cardoso (2018), que atesta a necessidade de considerarmos o contexto sócio-histórico e as intenções discursivas do autor. Desta forma, trazemos um fato importante sobre a escritora Margaret Atwood, pois ela nasceu em 1939, no Canadá, época em que a Segunda Guerra Mundial teve início, durando pelos primeiros seis anos de vida da autora, sendo cessada em 1945. Nesse sentido, interpretamos que a escolha lexical da cor *marrom* está ligada à bagagem sociocultural de Atwood, em razão de que “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa” (ANTUNES, 2012, p. 28).

Ao postularmos isso, frisamos que “o marrom corporifica todos os ideais do nacional-socialismo: é uma cor → da brutalidade, → do conservadorismo e → da virilidade” (HELLER, 2013, p. 485). O movimento nazista ficou marcado pelas questões levantadas pela autora supramencionada, tal como a brutalidade e o conservadorismo, que são pontos vistos nas *tias*, dado que elas são violentas com as *aias*, pelo fato de tentarem doutriná-las seguindo o parâmetro do regime conservador, teocêntrico e totalitário de Gilead.

Os vestuários dos comandantes e seus significados

Os comandantes são políticos e legisladores do regime apresentado nas obras estudadas. Trata-se, então, dos homens que estão no poder da República de Gilead. Estes recebem certos privilégios, como o direito de ter uma *aia*, *guardiões* (guarda-costas) e *marthas* (empregadas domésticas). Suas vestes são detalhadas nos trechos à frente:

Quadro 2 – Abonações referentes às vestimentas dos comandantes

“O espaço com assentos no pátio agora está cheio; nós sussurramos e esperamos. Por fim o Comandante encarregado do serviço entra. Ele é calvo e tem ombros largos e parece um técnico de futebol envelhecido. Está vestido em seu *uniforme preto*, sóbrio, com as fileiras de *insígnias* e *condecorações*” (ATWOOD, 2006, p. 202, *grifos nossos*).

“Um homem de *uniforme preto* discursou num microfone sobre como os pecadores sempre eram observados pelo Olho Divino e seu pecado ia achá-los. Um murmúrio de assentimento, como uma vibração, emanou dos guardas e espectadores. Hummmm... parecia um motor funcionando” (ATWOOD, 2019, p. 142, *grifos nossos*).

Fonte: Extraídos de Atwood (2006; 2019).

No campo léxico-semântico *vestuário dos comandantes*, encontramos apenas a *lexia uniforme preto* (9), já no *acessório dos comandantes* temos dois itens, sendo eles *insígnias* (3) e *condecorações* (1). Neste momento, cabe-nos enfatizar que uma “mesma palavra pode adquirir tons diferentes, significados expressivos diferentes, coloridos diferentes, dependendo do enunciado” (CARDOSO, 2018, p. 52). Como é o caso da unidade *uniforme*, que caracteriza a vestimenta dos homens mais poderosos da República de Gilead, porém, agora, ao invés de ser *feioso*, estamos diante de um *uniforme* de coloração preta e qualificado como *sóbrio*. No dicionário de Houaiss (2021, *site*), o item lexical é lematizado como aquele que é “despojado de exhibições de poder, cultura, inteligência”, ou seja, o adjetivo ressalta a posição social desta casta e, conseqüentemente, de como o sexo masculino é supra valorizado dentro dessa ditadura.

De acordo com Nascimento e Ropelatto (2016, p. 235, *grifos nossos*), “o *uniforme militar* é um dos símbolos mais marcantes de força e poder”. Isso fica explícito nos contextos expostos, bem como com os acessórios que complementam a vestimenta dos Comandantes. Dizemos isso porque as *insígnias* aparecem no domínio da moda “na forma de bordados, aplicações ou broches e são usadas como recursos decorativos nas roupas de inspiração militar” (SABINO, 2007, p. 353), ao passo que as *condecorações* significam “aquilo que simboliza mérito, valor etc.” (HOUAISS, 2021, *site*).

Os efeitos de sentido relativos às vestes e acessórios masculinos sempre apontam para o poder deles, pois, o uso das *insígnias* e das *condecorações* realçam o mérito desses homens que comandam todo o regime. Na verdade, essa percepção é visualizada até na cor preta, visto que Harvey (2003) aponta que essa coloração, quando restrita ao homem, significa posição e autoridade. Para além disso, o preto está relacionado ao fascismo e à brutalidade, uma vez que diversos movimentos fascistas europeus utilizaram tal cor como identificação. Segundo Heller (2013, p. 271), “o preto é a cor das coisas grandes e viris – e também nesse sentido correspondia aos ideais fascistas”.

Por essa ótica, consideramos que o *preto*, nos uniformes, tem como função acentuar a autoridade dos comandantes, bem como, podem estar associadas à brutalidade desses homens. Levantamos essa reflexão, porque são eles que ordenam e aplicam as leis do local

mencionado, que variam de execuções em praça pública ao estupro de mulheres, no caso das aias, que são obrigadas a manterem relações sexuais com os comandantes. Nesse sentido, vemos que a cor em pauta salienta a crueldade dos atos desse grupo.

Os vestuários das esposas e seus significados

As esposas são casadas com os comandantes e suas funções são restritas à coordenação do lar, ordenando, assim, afazeres aos criados. Outro papel desempenhado por essas mulheres é o apoio constante aos maridos, mencionados neste estudo como comandantes. No que corresponde às suas indumentárias, as realçamos no quadro abaixo:

Quadro 3 – Abonações referentes às vestimentas das esposas

“Ela esperou até que o carro desse a partida e se afastasse. Eu não estava olhando para o rosto dela, mas para a parte dela que podia ver com a cabeça baixa: o corpo de cintura larga do *vestido azul*, a mão esquerda no punho de marfim da *bengala*, os grandes *diamantes* no dedo anular, que outrora devia ter sido fino e delicado e ainda era bem cuidado, a unha na ponta do dedo nodoso bem lixada em forma de uma curva suave” (ATWOOD, 2006, p. 17-18, *grifos nossos*).

“Quando você estava sendo preparada para o casamento, desaparecia da sua vida anterior. Da próxima vez em que fosse vista, você estaria trajando o nobre *vestido azul* de Esposa, e as meninas solteiras teriam que te dar a vez ao passar pelas portas” (ATWOOD, 2019, p. 186, *grifos nossos*).

Fonte: Extraídos de Atwood (2006; 2019).

O campo *vestuário das esposas* contemplou apenas uma lexia, *vestido azul* (4), enquanto o *acessório das esposas* teve as unidades lexicais *bengala* (10) e *diamantes* (2). Por mais que tenhamos abordado a definição de *vestido* nas vestimentas das tias, mostra-se fundamental argumentarmos as relações de identidade e diferença entre eles naquela e nesta situação. No contexto das tias, a roupa tinha a *parte de cima folgada*, característica semelhante às vestimentas das esposas, que têm o *corpo de cintura larga*, novamente, ressaltando o domínio sobre o corpo da mulher, uma vez que elas devem ser discretas. A indumentária da casta das tias era tida como *feiosa*, em comparação, às das esposas são *nobres*, realçando o prestígio delas em Gilead. A influência dessa classe está ligada aos maridos, pois se eles são os homens mais importantes daquele contexto, conseqüentemente, suas esposas terão certa notoriedade. Isso é demonstrado no segundo contexto, o qual apresenta que as mulheres solteiras devem abrir caminho para que as casadas passem.

Para Lipovetsky (2009) existem vestuários e acessórios que conferem prestígio ao sujeito e, simultaneamente, contribuem para uma hierarquização social, sendo que isso é ressaltado nos ornamentos das esposas. Segundo o *Dicionário da moda*, a *bengala* inicialmente “era um simples cajado de cana, bambu ou junco, cuja função era

essencialmente ajudar na deambulação das pessoas. A partir dos séculos XVIII e XIX, passou a fazer parte do arsenal da elegância masculina [e feminina]” (SABINO, 2007, p. 96). Nesse sentido, entendemos que no *Conto da aia*, a esposa que utilizava a *bengala* realmente tinha dificuldade em andar, por isso, precisava do auxílio do acessório. Todavia, a situação de uso sugere que o artefato continha um *punho de marfim*, sendo esse um material nobre, que, de acordo com Houaiss (2021, site), é usado “na confecção de joias, esculturas e diversos outros artefatos”. O *diamante*, por sua vez, é uma “joia que apresenta um diamante engastado”, considerado também como uma pedra preciosa (HOUAISS, 2021, site). Assim, observamos que os adornos usados por esta casta sinalizam a posição socioeconômica dessa na República de Gilead.

Segundo Heller (2013), a coloração *azul* simboliza a feminilidade, em razão de ser plácido, passivo, introvertido. Ademais, na pintura antiga, esta cor é associada à Virgem Maria, uma vez que, frequentemente, suas vestes são representadas por ela. Isso ocorre porque “à virgem e ao azul pertencem as tão citadas qualidades femininas, como: passividade, reserva, busca por harmonia, amor à ordem” (HELLER, 2013, p. 66). Em outros dizeres, a escolha lexical e a seleção desse tom ressaltam a submissão dessa classe social, a qual deve sempre respeitar e apoiar as atitudes dos comandantes, a exemplo do estupro, da tortura, da corrupção etc.

Os vestuários das *aias* e seus significados

As *aias* são destinadas às casas de comandantes, especialmente, aqueles que têm esposas inférteis. De modo particular, estas mulheres têm como encargo conceber crianças para estas famílias. A indumentária dessa casta pode ser consultada nos contextos expostos em seguida:

Quadro 4 – Abonações referentes às vestimentas das *aias*

“Janine olha para mim e então, ao redor dos cantos de sua boca há uma sombra de sorriso malicioso. Ela baixa o olhar de relance para onde está minha barriga, lisa sob meu <i>vestido vermelho</i> , e as <i>abas brancas</i> cobrem seu rosto. Posso ver apenas um pouquinho de sua testa e a ponta rosada de seu nariz” (ATWOOD, 2006, p. 30, <i>grifos nossos</i>).
“O banho é uma exigência, mas também é um luxo. O simples fato de tirar a pesada <i>touca com as abas brancas</i> e o <i>véu</i> , o simples fato de sentir meu próprio cabelo de novo, com as minhas mãos, é um luxo. Meu cabelo agora é comprido, sem corte. O cabelo tem de ser comprido, mas coberto. Tia Lydia dizia: São Paulo disse é assim ou é raspado rente” (ATWOOD, 2006, p. 63, <i>grifos nossos</i>).
“De volta ao quarto me visto de novo. A <i>touca branca</i> não é necessária para a noite, porque não vou sair. Todo mundo nesta casa sabe como é meu rosto. Porém o <i>véu vermelho</i> tem que ser posto, para cobrir meu cabelo úmido [...]” (ATWOOD, 2006, p. 65, <i>grifos nossos</i>).
“No jogo da casa de bonecas, havia uma boneca de Aia com um <i>vestido vermelho</i> e uma barriga inchada e um <i>chapéu branco</i> escondendo a cara, ainda que minha mãe tivesse dito que na nossa

casa não precisávamos de uma Aia porque já tínhamos a mim, e as pessoas não devem cobiçar mais uma menininha se já têm uma” (ATWOOD, 2019, p. 21, *grifos nossos*).

Fonte: Extraídos de Atwood (2006; 2019).

No campo léxico-semântico *vestuário das aias* não encontramos uma variação de itens, limitando-se apenas a *vestido vermelho* (11), diferentemente da estrutura *acessório das aias*, em que localizamos nomes distintos para um mesmo adorno e, também, outro ornamento, são eles: *abas brancas* (9), *chapéu branco* (3), *touca branca* (2), *touca com as abas brancas* (1), *véu* (4) e *véu vermelho* (2). Antes de prosseguirmos com nossas análises, dissertamos que Atwood buscou inspirações em várias fontes sociais, históricas e religiosas para compor a vestimenta dessas mulheres. Para tal afirmação, pautamo-nos em uma entrevista da autora, na época do lançamento de *Os testamentos*, em 2019, para o jornal *O Globo*: “O traje das servas vem de uma variedade de fontes, como gorros e véus do período vitoriano. Em 1978, Margaret fez uma viagem ao Afeganistão, onde precisou usar um xador, que se transformou em uma influência para a trama” (O GLOBO, 2019, *grifos do site*).

Não pretendemos retomar o conceito de *vestido*, já que este foi altamente mencionado em todas as castas femininas. Porém, cabe-nos debater a inspiração da autora nas indumentárias muçulmanas, uma vez que o xador designa “o traje feminino usado em alguns países muçulmanos, especialmente o Irã, que cobre todo o corpo, à exceção dos olhos”, consoante Sabino (2007, p. 642). Este dicionário destaca, ainda, que o xador pode ser também um lenço ou véu de “tamanho[s] e estampa[s] variados que cobre a cabeça em sinal de respeito e pudor” (SABINO, 2007, p. 642). Nos textos literários analisados, temos os adornos *véu* e *véu vermelho*, que são usados “pelas mulheres sobre a cabeça desde a Antiguidade”, sendo que, “atualmente, seu uso é comum em vários países orientais”, conforme assevera Sabino (2007, p. 626). Estes itens carregam a pauta da moralidade, no caso do discurso investigado, subordinação ao regime em vigor.

A respeito do *vermelho* da roupa e do *acessório*, fundamentamo-nos em Heller (2013), para quem esta cor simboliza a vida e o sacrifício. Tal asserção é baseada no texto sagrado, o qual rege a sociedade de Gilead, porque, na Bíblia, a coloração vermelha é atribuída ao sangue, que, por sua vez, significa vida e sacrifício. Observamos essas questões nos trechos a seguir: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue fará expiação em virtude da vida” (Levítico, capítulo 17, versículo 11); e, “muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Hebreus, capítulo 9, versículo 14).

O vermelho das aias é atribuído aos princípios bíblicos, pois elas concebem crianças, vida, para a sociedade de Gilead e, ao mesmo tempo, essas mulheres sacrificam a própria existência e os próprios direitos sobre seus corpos para “o bem maior”, que é povoar

aquele sistema. Dentro desse discurso literário, percebemos que essas mulheres são levadas a crer que suas funções são apenas estas, pois “é a maneira como funciona a natureza. É o plano de Deus. É a maneira como são as coisas” (ATWOOD, 2006, p. 135), ou seja, elas devem procriar porque nasceram predestinadas a esse ofício. Sendo assim, o vermelho é considerado a cor do ventre, relacionando a gravidez (HELLER, 2013). Pode ser também a cor das meretrizes, de acordo com a estudiosa supracitada. Isto é, nas obras as aias são vistas dessa maneira, uma vez que elas são adjetivadas como *vadias*, em certos momentos, por outras classes sociais. Vejamos um exemplo disso no excerto retirado do livro *Os testamentos*:

Alguns meses após o casamento de Paula com meu pai, nossa casa recebeu uma Aia. O nome dela era *Ofkyle*, já que o nome do meu pai era Comandante Kyle.

– *O nome dela deve ter sido outro antes* – disse Shunammite. – De algum outro homem. *Elas ficam passando de mão em mão* até terem um bebê. São todas *vadias*, mesmo, não precisam de nomes de verdade (ATWOOD, 2019, p. 97, grifos nossos).

No trecho exposto, lemos a construção *elas ficam passando de mão em mão* e o adjetivo *vadia* mostrando a perspectiva de outros personagens acerca das aias, sendo que o vermelho, igualmente, carrega esse sentido. Além disso, devemos frisar o domínio dos homens sobre essas mulheres, tendo em vista que elas perdem seus nomes de batismo e são identificadas por intermédio da preposição *of* + *nome do comandante*, *of* é *do* na língua portuguesa. Dessa maneira, a aia referida no fragmento é *do comandante Kyle*, enfatizando, assim, a posse masculina sobre o corpo dessas mulheres.

Baseados na entrevista da autora concedida para o jornal *O Globo* (2019), vemos que os véus e os *chapéus* são inspirados no período Vitoriano. Laver (1989, p. 164) diz que as mulheres, neste período, utilizavam vestuários e acessórios tidos como recatados, porque os chapéus da época “possuíam abas muito largas”. Estas indumentárias são consideradas pudicas, pois se filiavam a um movimento puritano e moralista que permeou a era Vitoriana no século XIX. Vale ressaltar que em nossa pesquisa, notamos que o *chapéu* é utilizado “como sinal de respeito em muitas civilizações”, conforme Sabino (2007, p. 162). Enquanto a *touca* também é uma peça usada pelos eclesiásticos (SABINO, 2007). Portanto, identificamos que tais adornos estão associados à religião e ao pudor, o que confere similaridades com as obras estudadas.

O branco contém diferentes acepções que podem dialogar com os discursos literários de Atwood (2006; 2019). A saber, temos: i) o branco⁵ enquanto remissão dos pecados, devido as aias renunciarem suas vidas e práticas anteriores, as quais são

⁵ Fundamentamo-nos em Heller (2013) para definirmos todos os significados da coloração *branca*.

entendidas como mundanas: “Ela falou que nossa irmã de serviço, a Aia Ofkyle, fizera o sacrifício supremo, e havia expirado com a honra de uma mulher nobre, e *se redimira de sua antiga vida de pecado*, dando assim um grande exemplo para as outras Aias” (ATWOOD, 2019, p. 128, *grifos nossos*); *ii*) o branco como cor do silencioso, que, em nossa perspectiva, deve estar atrelado à época de escrita do primeiro livro em 1980, dado que, naquele momento, estava ocorrendo a divisão entre Alemanha ocidental e oriental, o que conhecemos historicamente como Muro de Berlim (1961-1989). Nossa interpretação é fundamentada em uma entrevista da autora para a editora Rocco em 2017:

O teclado [usado na escrita do livro] era alemão porque eu morava em Berlim Ocidental, ainda cercada pelo Muro de Berlim: o império soviético ainda estava fortemente instalado e só viria a se esfacelar cinco anos depois. Todo domingo, a força aérea da Alemanha Oriental soltava estrondos sônicos para nos lembrar do quanto estávamos próximos. Durante minhas visitas a vários países atrás da Cortina de Ferro — Tchecoslováquia, Alemanha Oriental — *vivi a desconfiança, a sensação de ser espionada, os silêncios, as mudanças de assunto, os meios oblíquos com que as pessoas podiam transmitir informações e isso teve influência no que eu escrevia* (ROCCO, 2017, *grifos nossos*).

Para nós, esse misto de sensações de desconfiança, de estar sendo espionada e o silêncio sentido no local pautam a escolha lexical da autora pelo branco. Além do mais, nos textos observamos esses medos, a exemplo da primeira passagem que exibimos das aias: “Janine olha para mim e então, ao redor dos cantos de sua boca há uma sombra de sorriso malicioso” (ATWOOD, 2006, p. 30), aqui, as personagens se comunicaram pela troca de olhares, em outro trecho, identificamos o sussurro particular dessas aias:

Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. [...] Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June (ATWOOD, 2006, p. 9).

Com a intenção de findarmos este debate, incluímos *iii*) o branco como sacrifício nos textos bíblicos, nos dizeres de Heller (2013, p. 300): “o animal mais típico para ser oferecido em sacrifício é o inocente cordeiro branco. Jesus, que se sacrificou pelos pecados da humanidade, é o branco cordeiro de Deus”. Logo, interpretamos que há uma retomada ao sacrifício das mulheres para o “bem” da República de Gilead.

4 Conclusão

Ao longo deste estudo, depreendemos que o léxico, por ser o inventário linguístico e a somatória das experiências sociais, torna-se um meio pelo qual os indivíduos expõem suas ideologias, preconceitos, costumes, entre outras questões. Por esse viés, esse componente da língua etiqueta a realidade e, simultaneamente, concebe universos ficcionais quando atrelado ao discurso literário. Nesse último caso, os romancistas ou os poetas manuseiam o léxico com a intenção de se sobrepor ao real, suas escolhas lexicais podem causar diferentes efeitos de sentido, os quais são capazes de dialogar com as experiências socioculturais e ideológicas dos autores.

Em nosso levantamento bibliográfico, podemos contrapor as escolhas lexicais e as escolhas de vestuários, posto que: *a)* na seleção lexical temos a adoção de certas unidades léxicas, tanto na escrita quanto na oralidade, que, são subordinadas pelas circunstâncias e pelas experiências sociais e culturais do autor; enquanto *b)* na seleção da indumentária temos as identidades dos sujeitos evidenciadas; nesse sentido, quando um indivíduo ou um grupo usa determinada roupa e não outra, ele(s) acaba(m) emitindo um discurso de filiação, ao mesmo tempo de pudor e respeito, no caso de comunidades religiosas. Além do mais, a predileção de uma vestimenta consegue realçar desde os costumes aos valores culturais de um ambiente.

Assim, a partir desse percurso, inferimos em nossas análises que, “as roupas realmente *significam* alguma coisa, e prova disso é a dificuldade em imaginar uma roupa que não tenha significado algum”, mediante Harvey (2003, p. 13, *grifo do autor*). Nas discussões dos resultados, testemunhamos que as escolhas lexicais das cores complementam os discursos a respeito dos vestuários, pois são elas que expandem o conteúdo das indumentárias. Os efeitos de sentido apontados ao longo de nosso estudo foram compreendidos por meio de associações, dado que “um mundo de signos linguísticos nos cerca e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens” (PRETI, 1977, p. 1).

Portanto, as seleções lexicais voltadas às vestimentas classificam os personagens da narrativa em classe sociais, ao passo que estas escolhas emitem efeitos de sentido que dialogam com acontecimentos da humanidade e acontecimentos bíblicos. Antes de finalizarmos, salientamos que esta investigação abarca apenas uma parte das obras, ou seja, existem outras castas que podem ser analisadas, com a intenção de complementar a presente pesquisa. Dissertamos, também, a respeito da relevância deste estudo, porque não existem muitos que se voltam para a confluência entre léxico e moda em textos

literários, sobretudo acerca das escolhas lexicais e dos efeitos de sentidos causados pelas vestes e adornos, que, em nosso ponto de vista, enriquecem o conteúdo da narrativa.

Referências

ALEIXO, C. M. **Corpus e sistemas de memória de tradução**: a ferramenta *Livedocs* do Memoq. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística e Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

ANTHONY, L. **AntConc (Version 3.5.8) [Windows]**. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

ATWOOD, M. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ATWOOD, M. **Os testamentos**. Tradução de Simone Campos. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

BERBER SARDINHA, T. Computador, corpus e concordância no ensino da léxico-gramática de língua estrangeira. In: LEFFA, V. J (org.). **As palavras a sua companhia**: o léxico na aprendizagem das línguas. Pelotas: EDUCAT, 2000, p. 47-75.

BÍBLIA. **A bíblia da mulher**: leitura, devocional, estudo. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: (teoria lexical e computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CARDOSO, E. de A. Escolhas lexicais: a caracterização de personagens femininas no discurso. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 15-28, 2013.

CARDOSO, E. de A. **O léxico no discurso literário**: a criatividade lexical na poesia moderna e contemporânea. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

CASTILHO, K. **Moda e linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

DUBOIS, J. **Dicionário de lingüística**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

GIL, B. D. A escolha lexical em letras de música: uma proposta de ensino do vocabulário. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 171-182, 2005.

HARVEY, J. **Homens de preto**. Tradução de Fernando Veríssimo. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

- HELLER, E. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- HOUAISS, A. Grande dicionário Houaiss. **UOL**, 2021. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 01 de novembro de 2021.
- LARA, L. F. **Curso de lexicología**. México: El Colegio de México, 2006.
- LAVIER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e o seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MARTINS, N. S. **Introdução à Estilística**: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo: T.A. Queirós/EDUSP, 1997.
- MÜLLER, L. As relações de poder e violência na história recente das mulheres iranianas. In: I SEMINÁRIO CORPUS POSSÍVEIS NO BRASIL PROFUNDO, 1., 2018. **Anais [...]** Carreiros: Centro Integrado de Desenvolvimento do Ecossistema Costeiro do Extremo Sul (CIDECSUL), 2018. p. 1-15.
- NASCIMENTO, N. G.; ROPELATTO, L. Moda, efemeridade e os momentos críticos do século XX. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 11, n. 16, p. 228-238, 2016.
- O GLOBO. 'The Handmaid's Tale': Os acontecimentos reais que inspiraram Margaret Atwood. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/the-handmaids-tale-os-acontecimentos-reais-que-inspiraram-margaret-atwood-23446498>. Acesso em: 21 de novembro de 2021.
- OLIVEIRA, S. R. de. **Moda também é texto**. São Paulo: Edições Rosari, 2007.
- ORANGES, C. S. O texto literário como corpus para análise lexical: *O Púcaro Búlgaro*, de Campos de Carvalho. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 213-225, 2017.
- PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- ROCCO. Atwood sobre o que significa *O conto da aia* na era Trump. **Rocco**, 2017. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/blog/atwood-sobre-o-que-significa-o-conto-da-aia-na-era-trump/>. Acesso em: 27 de novembro 2021.
- ROCCO. O conto da aia. **Rocco**, 2021. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/livro/o-conto-da-aia/>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.
- SABINO, M. **Dicionário da moda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

ULLMANN, S. **Semántica:** introducción a la ciencia del significado. Tradução de Ruan Martín Ruiz-Werner. Madrid: Aguilar, 1972.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto:** uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.



The lexical choices of clothing sets in Margaret Atwood's *The handmaid's tale* and *The testaments*

ABSTRACT:

We aim, in this study, to investigate the lexical choices and the sense effects caused by them in the names of the garments of the main castes mentioned in the books *The handmaid's tale* and *The testaments*, by Atwood (2006; 2019). To do so, we used a quantitative-qualitative methodology that consisted in the selection of the contexts of appearance of the garments mentioned in the novels; in the comparison of lexemes in general and specialized dictionaries; and, in the discussion of the results based on Cardoso (2013; 2018), Heller (2013) and others. These data show that the lexical selections related to clothing classify the characters in social classes and emit effects of meaning that dialogue with events of humanity and biblical events.

KEYWORDS:

Lexical choice;
Sense effects;
Clothing;
The handmaid's tale;
The testaments.